



AS CIDADES INVISÍVEIS EM *TODA LUZ QUE NÃO PODEMOS VER* DE ANTHONY DOERR

Simone Campos Paulino¹

Resumo: O presente artigo busca tratar da questão da cidade em *Toda Luz que não podemos ver* – livro escrito pelo historiador e ficcionista Anthony Doerr e vencedor do Pulitzer de ficção no ano de 2015. Abordaremos, portanto, a questão da cidade de Saint-Malo coletiva e individual em meio ao fim da Segunda Grande Guerra, focando, especialmente, a perspectiva da personagem Marie-Laure LeBlanc, a jovem cega para quem o pai construiu uma miniatura perfeita de Saint-Malo. Através da abordagem realizada por Italo Calvino em *As cidades invisíveis*, trataremos das formas como Saint-Malo é retratada em *Toda Luz que não podemos ver*.

Palavras-chaves: cidade, Toda luz que não podemos ver, Italo Calvino

Abstract: This article seeks to address the issue of city *All the Light We Can not See* - book written by historian and fiction writer Anthony Doerr and winner of the fiction Pulitzer in 2015. We will approach, so the question of the city of Saint-Malo and collective individual amid the end of the Second World War, focusing especially the perspective of the character Marie-Laure LeBlanc, a young blind woman for whom the father built a perfect miniature of Saint-Malo. Through the approach taken by Italo Calvino in *Invisible Cities*, we will address the ways in Saint-Malo is portrayed in *All the Light We Can not See*.

Keywords: City, All the Light We Can not See, Italo Calvino

107

INTRODUÇÃO

O vencedor do Pulitzer de ficção do ano de 2015 nos leva a Segunda Guerra Mundial. Apesar de ser um evento bastante abordado na literatura e no cinema, o inédito na obra *Toda luz que não podemos ver*, do historiador e ficcionista Anthony Doerr, cabe a sua forma de versar sobre o tema. O autor não elege heróis ou vilões, mas aponta para as perdas, de todos os lados, durante uma guerra.

Em *Toda Luz que não podemos ver* temos duas histórias paralelas e também diferentes tempos que permeiam a leitura. Na obra temos a história de Marie-Laure LeBlanc, filha do chaveiro de museu de história natural. A menina, que perde a visão

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Humanidades, Culturas e Artes da Universidade do Grande Rio.



aos seis anos de idade, é obrigada; aos doze anos; a fugir de Paris quando ocorre a ocupação Nazista. Na outra margem, é narrada a história de Werner, um jovem órfão alemão que vendo-se forçado a trabalhar nas minas – e temendo morrer soterrado como o pai - vislumbra como única salvação o alistamento na juventude Nazista. O tempo não linear da história faz o leitor caminhar entre a infância e a juventude desses jovens que estão em lados opostos da trincheira; até que seus caminhos se cruzam.

O livro é riquíssimo e sua trama versa sobre o poder da comunicação nazista – principalmente através do rádio –, a ascensão de Hitler durante a crise econômica que assolava a Alemanha pré-Segunda Guerra Mundial, a resistência de pequenos grupos nas cidades e o silenciamento histórico dos jovens soldados enviados para frente de batalha. Apesar de podermos abordar tão diversos temas, no presente artigo daremos destaque a personagem de Marie-Laure e sua relação com a cidade.

Após a fuga de Paris, a jovem Marie-Laure e o pai se abrigam na casa de um parente em Saint-Malo e o pai, para proteger a filha cega, constrói para ela uma miniatura perfeita da cidade, para que aprendesse a se localizar, sem precisar caminhar pela cidade. Desta forma, buscaremos abordar a importância da cidade na obra, não só da cidade habitada e visível, mas daquela invisível e com valor simbólico e sentimental.

Para tanto, o artigo analisará o enredo da obra e o contexto histórico em que se localiza a trama e a relação da personagem Marie-Laure com Saint-Malo. Para abordarmos a relação da personagem e as cidades: a real e a miniatura, a visível e a invisível; recorreremos a Ítalo Calvino e suas cidades invisíveis, de forma a reconhecermos a importância da figura da cidade na obra *Toda Luz que não podemos ver*.

MARIE-LAURE E AS CIDADES DE SAINT-MALO

No livro *Toda Luz que não podemos ver*, escrito por Anthony Doerr e vencedor do Pulitzer de ficção em 2015, temos uma trama ambientada durante a Segunda Guerra Mundial. A personagem Marie-Laure e o pai vivem em Paris, quando os Nazistas invadem a cidade e forçam pai e filha a se refugiarem em Saint-Malo, na casa do tio-avô de Marie-Laure, Etienne. A narrativa, entretanto, não inicia com a chegada da menina a



Saint-Malo, mas o narrador já a observa habitando na cidade, enquanto esta é bombardeada. O historiador e ficcionista se confundem na narrativa de Anthony Doerr, que recorre a uma história particular para abordar um tema da história mundial.

Ao tecer história e ficção, Anthony Doerr criou uma obra de metaficção historiográfica. Segundo Linda Hutcheon em *A poética do pós-modernismo*, as obras desse tipo de ficção se valem, de forma híbrida, de acontecimentos e personagens históricos, mas, paradoxalmente, não são comprometidas com a história, pois são obras literárias, não sendo, portanto, possível comprovar a existência de alguns personagens através de documentos. (Cf. HUTCHEON, 1991, p. 20).

O livro *Toda Luz que não podemos ver* se inicia com dois epílogos, ao primeiro damos destaque aqui:

Em agosto de 1944, a histórica cidade murada de Saint-Malo, a joia mais esplendorosa da Costa da Esmeralda, na Bretanha, França, foi quase totalmente destruída pelo fogo... Das 865 construções no interior das muralhas, apenas 182 permaneceram de pé, e todas sofreram algum tipo de dano – Philip Beck (DOERR, 2015, p. 7)

109

O epílogo remete ao cerco a Saint-Malo, evento tratado na ficção de Doerr e que se estrutura como momento de clímax da narrativa.

A comunidade francesa situada na região da bretanha, denominada Saint-Malo, murada pelo Bispo Jean Châtillon – no século XII - foi bombardeada intensamente em agosto de 1944, pela esquadrilha aliada, destruindo a resistência alemã que ali existia, como ressalta o narrador de *Toda luz que não podemos ver*, a cidade de Saint-Malo era o “último ponto de defesa alemão na costa bretã” (DOERR, 2015, p. 17). O bombardeio, entretanto, não destruiu somente a resistência alemã, mas também a cidade murada de Saint-Malo. Entretanto, segundo o narrador, os pilotos da artilharia aliada não viam uma cidade com vida e habitantes, mas apenas uma fortificação perigosa que servia de esconderijo para o comando Nazista. “Para os pilotos, a cidade murada em seu promontório de granito, cada vez mais próxima, se parece com um dente podre, profano e perigoso, pronto para ser arrancado” (DOERR, 2015, p.12)

As muralhas da cidade, presentes na obra, nos remetem ao ensaio “A metrópole e a vida Mental”, de Georg Simmel, que afirma que “A vida na Idade Média ergiu



barreiras contra o movimento e as relações do indivíduo no sentido do exterior e contra a independência individual e a diferenciação no interior do ser individual.” (SIMMEL, 1976, p. 19). As muralhas de Saint-Malo os isolaram, mas também protegeu a cidade no passado, conforme relata o personagem Hubert Bazin, um veterano de Guerra que conta histórias do passado da cidade para a jovem Marie-Laure:

Ao longo dos séculos, conta para Marie-Laure, as muralhas da cidade mantiveram afastados saqueadores sanguinários, romanos, celtas, escandinavos. Há quem fale de monstros marinhos. Por mil e trezentos anos, conta ele, as muralhas mantiveram afastados os marinheiros ingleses que paravam seus navios a pouca distância da praia e lançavam projéteis em chamas em direção às casas, que tentavam queimar tudo e deixar todos passando fome, que não se sentiam coibidos em matar todo mundo. (DOERR, 2015, p. 246)

A identidade dos habitantes desta cidade é forjada pela sua relação com a mesma. “Somos cidadãos de Saint-Malo em primeiro lugar, dizem os moradores. Depois, bretões. Franceses, em última alternativa.” (DOERR, 2015, p. 18). Isto nos remete Zygmunt Bauman, que afirma que “o 'pertencimento' e a 'identidade' não tem a solidez de uma rocha, não são garantidos pela vida toda, são bastante negociáveis e revogáveis” (BAUMAN, 2004, p.17).

Com os bombardeios, a cidade sofreu danos em maior parte de suas edificações, só vindo a se reestruturar cerca de 30 anos após o evento. Exatamente no momento em que a cidade é bombardeada, que o narrador de Doerr inicia a trama:

A maré sobe. A lua pende pequena, amarela e quase cheia. Nos telhados dos hotéis à beiramar, ao leste, e nos jardins atrás deles, meia dúzia de unidades de artilharia norte-americanas desliza bombas incendiárias pelas bocas dos morteiros. (DOERR, 2015, p. 11)

Doerr começa a narrativa próximo do clímax, para depois retornar a infância dos protagonistas. A história, de forma cíclica, tem seu começo e fim norteador pelos bombardeios a Saint-Malo.

O primeiro vislumbre que o leitor tem da protagonista Marie-Laure, encontra-a intimamente ligada à cidade de Saint-Malo e, através da descrição que o narrador faz da miniatura que a menina possui, podemos vislumbrar a cidade que ela habita:



Em uma esquina da cidade, no sexto e último piso de uma construção alta e estreita — Rue Vauborel, número 4 —, uma garota cega de dezesseis anos chamada Marie-Laure LeBlanc está de joelhos no chão, inclinada sobre uma mesa baixa inteiramente tomada por uma maquete. A miniatura reproduz a cidade dentro da qual ela está ajoelhada e contém réplicas em escala das centenas de casas, lojas e hotéis dentro das suas muralhas. Há a catedral, com seu pináculo perfurado, e o robusto e velho Château de Saint-Malo, além de filas e filas de mansões à beira-mar coroadas com chaminés. Um delgado quebra-mar de madeira se projeta em curva a partir de uma praia chamada Plage du Môle; um átrio delicado surge no entrecruzamento dos corredores do mercado de peixes; bancos minúsculos, menores que uma semente de maçã, pontilham as pequeninas praças públicas. (DOERR, 2015, p. 13)

Desta forma, podemos considerar que o leitor entra em Saint-Malo através da perspectiva de Marie-Laure e que esta não vê a cidade, mas; por ser cega; utiliza-se primeiro do tato para conhecer a cidade através da miniatura que ela possui. A miniatura foi construída pelo pai, que anteriormente já havia feito outra maquete, mas do bairro em que moravam em Paris. Esta foi a forma encontrada por Daniel LeBlanc para fazer com que a filha conhecesse o local onde moravam:

111

(...) a miniatura do mesmo cruzamento feita pelo pai só cheira a cola seca e serragem. As ruas estão vazias, as calçadas, estáticas; aos dedos dela, são apenas uma cópia pequena e insuficiente. Ele insiste, pedindo a Marie-Laure que passe os dedos sobre ela, reconhecendo casas diferentes, os ângulos das ruas. (DOERR, 2015, p. 43)

Quando a maquete passa a significar a representação do bairro para Marie-Laure, a construção feita pelo pai ganha vida:

À noite, ela passa as pontas dos dedos sobre a maquete do pai: a torre do sino, as vitrines.[...] Por trás de uma janela do quarto andar de um prédio na Rue des Patriarches, uma versão em miniatura do pai dela senta-se em uma bancada de trabalho em seu apartamento miniatura, exatamente como ele faz na vida real, polindo uma pequenina peça de madeira; do outro lado do cômodo, a miniatura de uma garota muito magra e inteligente, um livro aberto no colo [...] (DOERR, 2015, p.53)

Quando Paris é tomada pelas tropas alemães, a menina não pode levar consigo a maquete de seu bairro e, na fuga, o pedaço de Paris entalhado por Daniel LeBlanc e a Paris real se fundem na imaginação de Marie-Laure: “Como se em todo esse tempo a cidade não fosse mais do que a maquete construída pelo pai, e a sombra de uma grande



mão caísse sobre ela.” (DOERR, 2015, p. 77)

Saint-Malo que, a princípio, seria apenas lugar de passagem para pai e filha, torna-se o lar de ambos, principalmente de Marie-Laure. O pai, portanto, constrói a maquete da cidade para a filha.

A construção da maquete de Saint-Malo, contudo, tem uma diferença crucial daquela feita do bairro em que pai e filha moravam em Paris. Quando fogem da ocupação Nazista, o chaveiro do Museu de história natural de Paris, leva consigo a joia Mar de chamas, a qual esconde na miniatura de Saint-Malo a fim de que esta não caia em domínio alemão. “ [...]o pai de Marie-Laure conclui a maquete de Saint-Malo. Está imperfeita, não pintada, desigual devido à meia dúzia de diferentes tipos de madeira e sem alguns detalhes. Porém, é o suficiente para a filha dele usar em caso de necessidade. (DOERR, 2015, p.192)

No capítulo intitulado Saint-Malo, presente na parte zero, o narrador nos apresenta a cidade despida de seus aspectos físicos, mas a apresenta através de seu caráter humano e dos atores que ali habitam: “Por toda a cidade, a população remanescente acorda, grunhe, suspira. Solteironas, prostitutas, homens acima dos sessenta anos. Procrastinadores, colaboradores, céticos, bêbados. Freiras de todas as ordens. Os pobres. Os teimosos. Os cegos.” (DOERR, 2015, p. 17).

Diante disso, podemos observar que o autor trabalha com a cidade sob duas perspectivas: a cidade visível e habitada e a cidade invisível e particular de Marie-Laure. De forma alguma, entretanto, podemos dizer que a cidade habitada é mais importante que a cidade em miniatura. A maquete da jovem francesa, em sua visão também possui vida, pois para ela a miniatura é também a cidade: “Ela imagina a cidade murada atrás dela, os baluartes se elevando, as ruas formando um quebra-cabeças. Tudo isso de repente bem pequeno, como na maquete do pai.” (DOERR, 2015, p. 236).

O livro é dividido em quatorze partes. Nas partes zero, dois e doze há capítulos cujo o título é Saint-Malo. Os presentes nas partes zero e dois tratam da destruição da cidade durante os bombardeios. A última aparição do título Saint-Malo, em um capítulo, fala da cidade anos depois do evento de 1944. Nesta última aparição, a cidade foge da perspectiva de Marie-Laure, passando a descrição a uma turista.

Na perspectiva da personagem Marie-Laure, temos três Saint-Malo: A cidade do



passado que a menina conhece através das narrativas do veterano de guerra e do tio-avô; a cidade presente tomada por alemães e a cidade em miniatura, construída pelo pai. Todas possuem alguma importância para a personagem na criação de seu afeto com a cidade de Saint-Malo.

AS TRÊS CIDADES DE SAINT-MALO

Saint-Malo é por três vezes título de capítulo na obra *Todas Luz que não podemos ver*. Três vezes também a cidade pode vir a ser representada na obra através da perspectiva da personagem Marie-Laure. Observemos portanto, as três representações de Saint-Malo sobre a luz de *As cidades invisíveis*.

Na obra *As cidades invisíveis*, Italo Calvino toma por eixo condutor as narrativas de Marco Polo ao rei Kublai Khan. O autor agrupa as cidades em onze blocos/ “tipos”: Cidades e o nome, cidades e a memória, cidades e o desejo, cidades e o símbolo, cidades delgadas, cidades e as trocas, cidades e os olhos, cidades e os mortos, cidades ocultas, cidades contínuas e as cidades e o céu.

Apesar de na obra *Toda luz que não podemos ver*, analisarmos apenas a cidade de Saint-Malo, observamos ser possível explorá-la segundo três aspectos: memória, nome e símbolo.

Saint-Malo da memória

Estando sobre domínio alemão, comumente os personagens da narrativa de Doerr, nostálgicos, vislumbram o passado como um lugar melhor que o presente. “A cidade sonhada o possuía jovem” (CALVINO, 1990, p.12), narra o Marco Polo de Calvino ao descrever a cidade de Isidora. Poderia ele falar o mesmo da Saint-Malo da ficção de Doerr. As narrativas das glórias passadas é o que mantém nos cidadãos o sentimento de pertencimento.

As personagens buscam explicar a cidade de Saint-Malo através do passado.



Assim como o anjo da história, descrito por Walter Benjamin, os moradores da cidade tomada por alemães, voltam os olhos para o passado, para assim, serem impulsionados para o futuro. Segundo Benjamin,

O anjo da história deve ter este aspecto. Seu rosto está voltado para o passado. Onde diante de nós aparece um encadeamento de acontecimentos, ele vê uma catástrofe única, que vai empilhando incessantemente escombros sobre escombros, lançando-os diante de seus pés. O anjo bem que gostaria de se deter, despertar os mortos e recompor o que foi feito em pedaços. Mas uma tempestade sopra do Paraíso e se prende em suas asas com tal força, que o anjo já não as pode fechar. A tempestade irresistivelmente o impele ao futuro, para o qual ele dá as costas, enquanto o monte de escombros cresce até o céu diante dele. O que chamamos de Progresso é esta tempestade. (BENJAMIN, 2012, p. 246)

As cidades memórias de Italo Calvino possuem um encantamento com o passado, tendo este tempo como um momento melhor que o presente. Podemos inferir que recorrer à Saint-Malo da memória era um recurso de resistência diante da tomada da cidade pelas tropas alemães.

Marie-Laure, ao chegar a cidade Saint-Malo passa a conhecer a história da cidade através das histórias do tio-avô Etinne e do veterano de guerra Hubert Bazin. Isto dá a personagem um sentimento de pertencimento àquela cidade. Lembrar o passado de Saint-Malo afastava o terrível presente.

[...] (Etienne) em suas memórias mais antigas, as cinzas das Índias Orientais tingiram o pôr do sol de Saint-Malo de vermelho-sangue, grandes veias encarnadas brilhando acima do mar toda noite; e para Marie-Laure [...] a Ocupação parece, por um momento, a mil quilômetros de distância. (DOERR, 2015, p. 247).

A cidade então se constrói também no passado. Segundo Calvino, a essência da cidade é a “relação entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do passado.” (CALVINO, 1990, p. 14). A descrição de Saint-Malo do presente, contém todo o seu passado.

Saint-Malo do nome

Entre os “tipos” de cidade descritas pelo personagem Marco Polo na obra de Italo Calvino, há as cidades e os nomes. Estas cidades dependem da visão daquele que a



habita e também da visão de quem passa por ela. “A cidade de quem passa sem entrar é uma; é outra para quem é aprisionado e não sai mais dali [...]” (CALVINO, 1990, p. 115).

Vislumbramos, neste aspecto a Saint-Malo ocupada pelos Nazistas. Para seus habitantes, a cidade era lugar de resistência e história; para os alemães que a ocupavam, a cidade era uma fortaleza para seu comando; enquanto que para a artilharia aliada era “um dente podre, profano e perigoso, pronto para ser arrancado” (DOERR, 2015, p.12).

A cidade, apesar de ser a mesma, possui três visões diferentes: aqueles que a habitam e forjam sua identidade a partir da cidade, aqueles que a habitam como lugar de passagem e aqueles que apenas passam por ela.

“[...] vista de dentro seria uma outra cidade.” (CALVINO, 1990, p. 115), afirma Calvino sobre a cidade Irene, que se encontra na parte As cidades e os nomes. Desta mesma forma Marie-Laure viu Saint-Malo, quando passou a observar a cidade por dentro e não apenas como uma hóspede. A cidade, a princípio um lugar de passagem, torna-se sua morada. Através da maquete de Saint-Malo, a jovem começa a conhecer a cidade que habita e passa a sentir-se segura para circular por ela. “— Consigo achar o caminho — diz Marie-Laure na quinta vez que saem na rua. — Não precisa me conduzir.” (DOERR, 2015, p. 245).

115

Saint-Malo do símbolo

“A cidade é redundante: repete-se para fixar alguma imagem na mente” (CALVINO, 1990, p. 23) Assim o Marco Polo de Calvino descreveu a cidade de Zirna, presente no bloco As cidades e os símbolos. Esta cidade redundante é também observada na perspectiva de Marie-Laure, entretanto, não se trata de uma cidade em escala real.

A maquete feita pelo pai é a cidade símbolo de Marie-Laure, é através da cidade em miniatura que ela repete em sua memória a cidade de Saint-Malo. Assim como a cidade, a memória também é redundante, segundo Italo Calvino. As cidades símbolos são formadas através de seus significados, que variam de pessoa para pessoa. Na perspectiva de Marie-Laure, a cidade era vista, não com a visão, mas através dos outros



sentidos: tato, audição olfato. Ela percorria a cidade tendo na memória a pequena Saint-Malo projetada minuciosamente pelo pai.

[...] Marie-Laure senta-se na cama, o quarto com a janela aberta, e percorre a maquete da cidade que o pai fez. Os dedos passam pelos abrigos dos construtores de navios na Rue de Chartres, passam pela padaria de madame Ruelle na Rue Robert Surcouf. Em sua imaginação, ela ouve os padeiros deslizando no chão escorregadio devido a farinha, movimentando-se da maneira como ela imagina que os esquiadores fazem, assando pães no mesmo forno de quatrocentos anos que o tataravô do monsieur Ruelle usava. Os dedos dela passam pelos degraus da catedral — aqui um velho poda rosas em um jardim; ali, perto da biblioteca, o maluco Hubert Bazin murmura algo para si mesmo enquanto espia com o seu único olho uma garrafa de vinho vazia; acolá está o convento; depois, o restaurante Chez Chucho, perto do mercado de peixe; aqui está o prédio da Rue Vauborel, número 4 [...] (DOERR, 2015, p. 247).

A rotina da cidade se repetia e, a fim de tê-la na memória, a jovem cega a repetia para si mesma, através da miniatura de Saint-Malo. “A memória é redundante: repete os símbolos para que a cidade comece a existir.” (CALVINO, 1990, p. 23).

116

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na obra *Toda Luz que não podemos ver*, a cidade se figura não apenas como espaço, mas como um dos mais importantes elementos da trama.

Através da perspectiva da protagonista Marie-Laure podemos vislumbrar a cidade de três formas: Saint-Malo do passado; Saint-Malo do presente e a Saint-Malo representada. Os três aspectos, entretanto, formam a cidade como um todo para Marie-Laure. A Saint-Malo representada, porém, apresenta-se com maior importância na vida da personagem, uma vez que o contato da jovem com a cidade se deu, a princípio, através da maquete.

Ao observamos a obra *As cidades invisíveis* de Italo Calvino, nos é possível considerar que três dos onze blocos de cidades, podem ser representados pela Saint-Malo da ficção de Anthony Doerr. Desta forma, neste artigo, foi possível observar a Saint-Malo da memória, a Saint-Malo dos nomes e a Saint-Malo do símbolo.

Devido a cegueira, a cidade não era visível para Marie-Laure, entretanto, a cidade era percebida e vivida pela jovem, nas três dimensões anteriormente elencadas.



Desta forma, a jovem que ao chegar a Saint-Malo seria apenas uma visitante, torna-se uma moradora da cidade e, por conseguinte, parte dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Zahar, Rio de Janeiro, 2005.
- BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. Tradução: Sérgio Paulou Rouanet. In: ____ *Magia e Técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. Brasiliense, São Paulo, 2012.
- CALVINO, Italo. *As cidades invisíveis*. Tradução: Diogo Mainardi. Companhia das letras, São Paulo, 1990.
- DOERR, Anthony. *Toda luz que não podemos ver*. Tradução: Maria Carmelita dias. Editora Intrínseca, Rio de Janeiro, 2015.
- HUTCHEON, Linda *Poética do pós-modernismo: História, teoria e ficção*. Imago Editora, Rio de Janeiro, 1991.
- SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme. *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976